

A FRAUDE (1968): GOIÁS NO CAMINHO DO CINEMA MODERNO¹

Lara Damiane de Oliveira Estevão²
Universidade Federal de Goiás (UFG)

Resumo: *A fraude* (1968) foi o primeiro filme de ficção rodado na cidade de Goiânia. O curta-metragem, dirigido por Jocelan Melquíades de Jesus, que à época era estudante da Escola Superior de Cinema de São Luís, foi um dos finalistas do festival JB-Mesbla, no Rio de Janeiro. Este trabalho procura traçar um panorama do cinema brasileiro na década de 1960 e dos primórdios da atividade cinematográfica em Goiás, analisando *A fraude*, entendendo o filme goiano como parte do cinema brasileiro moderno.

Palavras-chave: História do cinema. Cinema goiano. Cinema brasileiro moderno.

Resumo expandido

A Fraude (1968) foi o primeiro filme de ficção gravado na cidade de Goiânia. O curta-metragem, que possui 30 minutos de duração, foi dirigido por Jocelan Melquíades de Jesus e um dos finalistas do IV Festival de Cinema Amador JB/Mesbla, no Rio de Janeiro, importante janela por onde circulavam as tendências cinematográficas que tomavam conta do Brasil na década de 1960.

Com duração do final dos anos 1950 até a década de 1970, o cinema brasileiro moderno configurou-se como um “movimento plural de estilos e ideias que, [...], produziu aqui a convergência entre a ‘política de autores’, os filmes de baixo orçamento e a renovação da linguagem” (XAVIER, 2001, p. 14), tendo como desdobramentos o Cinema Novo e o Cinema Marginal.

Nos anos 1960 é o Cinema Novo que ressoa com força na cinematografia nacional, repercutindo de forma mais expressiva a partir de 1962. A partir de 1963 estabelece-se um “Cinema Novo maduro” (RAMOS, 2018, p. 63). O movimento possuía certa organicidade, tendo seu germe na Bahia, com Glauber Rocha e posteriormente concentrando suas produções no Rio de Janeiro, entre cineastas como Paulo Saraceni, Joaquim Pedro de Andrade, Cacá Dieges, Leon Hirszman, Gustavo Dahl, dentre outros. Segundo Fernão

¹ Trabalho apresentado à 11ª SAU UFG e 1º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central.

² Bacharela em Cinema e Audiovisual pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. E-mail: laradamiane@gmail.com

Pessoa Ramos, “o ambiente cultural no qual se ergue o Cinema Novo é o do Rio de Janeiro da segunda metade dos anos 1950, permeado pela bossa nova, pela arquitetura modernista, pelo neoconcretismo emergente e uma nova ideologia de esquerda ascendente” (2018, p. 30). Ao longo dos anos 1960, o movimento passou por diversos momentos distintos, marcados pela reposta dos cineastas às mudanças sociais e políticas da década.

Em 1968, sob uma tônica de ruptura, surge o Cinema Marginal. Os recortes entre o Cinema Novo e o Cinema Marginal são estabelecidos pelos rompimentos e polêmicas que envolveram os realizadores da época, contudo existem vários pontos de contato entre os movimentos, como a noção de autor, relações entre os personagens típicos do Cinema Novo com os do Cinema Marginal, o estilo do Cinema Direto e da incorporação da câmera na mão e o uso da alegoria (BERNARDET, 2001). A geração marginalista introduz também no cinema brasileiro a estética de colagem, a experimentação e a exasperação. É justamente nesse contexto que Jocelan Melquíades grava o filme *A fraude* em Goiânia.

Segundo Beto Leão e Eduardo Benfica (1995), o diretor, durante o velório de um amigo na capital goiana, conheceu Jesus Aquino Jayme – que escreveu o roteiro – e ficou interessado em fazer um filme sobre o caso de fraude no vestibular de medicina da Universidade de Goiás. Jocelan voltou à capital com Carlos Reichenbach, que fez a fotografia do filme em 16mm e Hideo Nakayama, assistente de fotografia e de montagem – ambos colegas de Jocelan na Escola Superior de Cinema de São Luís.

Em *A fraude* um jovem estudante de classe média, engajado politicamente, presta o vestibular e é considerado um excedente. A urgência da ação política e questões particulares ao contexto socioeconômico brasileiro da década de 1960 engendram a narrativa do filme. *A fraude* é marcado pela proximidade do protagonista Luís com os personagens cinemanovistas tomados por uma crise de consciência, particular da segunda fase do “Cinema Novo maduro”, aderindo a um estilo que oscila entre a apropriação da linguagem do direto pela ficção, a experimentação e o uso de alegorias.

A fraude é uma experiência distinta entre a cinematografia do estado de Goiás da década de 1960 e 1970, marcada pela Bennio Produções. As temáticas que tomam o

cinema brasileiro moderno são próprias do filme e entram em cena no estado, distante da experiência do diretor João Bennio, que aproximava-se da proposta de um cinema industrial (SILVA, 2018). Além disso, como a primeira ficção gravada em Goiânia, exibido no festival JB-Mesbla, *A fraude* é parte da história da cidade, organizando um olhar sobre seus trabalhadores, movimentos de resistência e sobre a dinâmica da capital alguns momentos antes do aprofundamento da ditadura civil-militar com o AI-5.

Referências Bibliográficas

A FRAUDE. Direção de Jocelan Melquíades de Jesus. Goiânia, 1968, 30 min, son., P&B., 16 mm.

BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia clássica do cinema brasileiro:** metodologia e pedagogia. São Paulo: Annablume, 1995.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema marginal?** Folha de São Paulo 10 de junho de 2001 acessado em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1006200107.htm> LEÃO, Beto;

BENFICA, Eduardo. **Goiás no século do cinema.** Goiânia: Kelpes, 1995.

RAMOS, Fernão; SCHVARZMAN, Sheila (Org.). Nova história do cinema brasileiro, volume 2. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

SILVA, T.H.Q. **Cinema em Goiás:** quando tudo começou... (1960-1970). 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do Subdesenvolvimento.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

XAVIER, Ismail. **Cinema Moderno Brasileiro.** São Paulo: Paz e Terra, 2001